

## Dimensões do filosofar na obra *Zorba, O Grego*, de Nikos Kazantzákis

José Renato dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo explora um modo de filosofar cujo ponto de partida é a admiração. A abordagem é feita a partir do romance *Zorba, o Grego*, de Nikos Kazantzákis. Nesta obra o ato de admirar revela um novo olhar sobre o cotidiano; a música e a dança aparecem como manifestações privilegiadas de abertura para a imaginação e elevação do ser humano.

**Palavras chave:** Filosofar. Literatura. Admiração. Zorba. Kazantzákis.

**Abstract:** This paper aims to introduce a way of philosophizing whose source is the admiration. The approach is made from the novel *Zorba the Greek* by Nikos Kazantzakis. In this novel admiration reveals a new perspective on everyday reality; music and dance emerge as privileged expressions of incentive to imagination and elevation of the human being.

**Keywords:** Philosophizing. Literature. Admiration. Zorba. Kazantzakis.

“Conta Porfírio que Plotino tinha o dom de ler nas almas [...].  
Há muito tempo que os filósofos não lêem nas almas.  
Não é o seu ofício, dir-se-á. É possível.  
Mas então não deve surpreender que já não nos interessem”  
(*Do inconveniente de ter nascido*, Emil Cioran)

### Antes de avançar no filosofar

Falemos da filosofia. Começemos do começo: O que é a filosofia e o filósofo, qual o seu papel e lugar? São questões frequentes, mas não são questões simples de serem respondidas. No presente ensaio, elas ganham um tom de inquietação e de provocação. Nossa suspeita aqui, indicada pelo tom da epígrafe que utilizamos, é que já não há muitos filósofos e nem autêntica filosofia. Ou seja, a filosofia é algo raro. Então, o que resta? Apenas um exercício dialético e retórico? Um jogo de palavras e termos? Um passatempo intelectual? Uma profissão? A garantia de alguns postos de trabalho? A nostalgia de um prestígio que há muito cessou? Quem saberá ao certo? Quem dela ainda se alimenta? Quem são os guardiões impotentes desse lugar, agora deserto e penoso? O que os faz perdurar?

Nossa impressão: o desaparecimento da autêntica filosofia aconteceu e isso, obviamente, significa uma perda. Contudo, a perda não ocorreu completamente e

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências da Religião (UMESP). Bolsista CNPq; dedica-se a pesquisar a interface entre religião e literatura tendo por referência a obra do escritor grego Nikos Kazantzákis.

algum rastro seu ainda pode ser percebido. Há um vestígio de filosofia que está encoberto, aquele que garante o pulsar e a vitalidade do filosofar, e que é, na maioria das vezes, esquecido ou relegado às margens pelas práticas filosóficas institucionalizadas, profissionais ou acadêmicas.

Nossa sugestão e provocação: filosofar às margens da filosofia, filosofar nas fronteiras da filosofia, nos seus limites. No espaço fronteiro tudo passa: lugar de passagem, de idas e vindas, de trânsito, de mudança. Aqui só uma coisa deve permanecer – e permanece porque constantemente se renova –, a admiração. E nesse mesmo espaço, também encontramos a poesia (a arte). Nas margens da filosofia está a admiração e, graças a isso, o seu parentesco com a poesia.

Neste ensaio, portanto, queremos acompanhar e refletir um pouco sobre esse modo de filosofar em seu ponto de encontro com a arte. Para isso, escolhemos como companheiro de percurso o romance literário *Vida e proezas de Aléxis Zorbás*<sup>2</sup>, do escritor grego Nikos Kazantzákis (1883-1957). A escolha desta obra por nós se deu porque nela a vida aparece como valor supremo, a admiração como inspiração original e a música e a dança surgem, finalmente, como expressões privilegiadas de abertura para a imaginação e elevação do ser humano.

### ***Zorba, o Grego***

Carregada de vivências e reflexões, o romance se desenvolve em torno de uma trama que se inicia com o encontro dos dois personagens – o narrador/personagem (o “patrão”)<sup>3</sup> e Zorbás – que embarcam rumo a ilha de Creta. O patrão é um jovem escritor que arrendou naquela ilha uma mina de linhito abandonada com o objetivo de explorá-la, enquanto o sexagenário Zorbás irá acompanhá-lo como seu capataz, dando início a uma curiosa amizade, tão cativante quanto significativa. A exploração da mina se torna o pretexto ideal para que os dois personagens tenham suas vidas entrelaçadas com muita intensidade, ao mesmo tempo que cada um deles pode se envolver com aquelas atividades que preenchem suas expectativas. Assim, Zorbás se entrega ao trabalho de explorar e dirigir o negócio, enquanto o patrão paga as contas e se dedica a escrever. Esta última ocupação suscita inumeráveis críticas por parte de Zorbás, para quem os livros oferecem uma distração vazia da realidade.

Desde o começo do livro é sinalizado um contraste entre a parceria dos dois personagens. O patrão/narrador simboliza, por um lado, o tipo ocidental, teórico e intelectualizado, um pouco como a decantação moderna do homem socrático segundo os parâmetros de Nietzsche, e, ao mesmo tempo, combina o estado búdico, procurando a libertação do desejo, do apetite terrenal: expressa, pois, a insatisfação frente às contradições da realidade. Zorbás, em contrapartida, entende que a liberdade é estar repleto de paixões, agir com gosto por aquilo que é terreno, algo que lembra muito a fidelidade à terra de Nietzsche, expressando o dionisíaco, o homem vitalista: Zorbás vive e admira-se da magia da eternidade no instante.

---

<sup>2</sup> Essa é a tradução para o título original da obra: Βίος και πολιτεία του Αλέξη Ζορμπά (1946). No decorrer do presente ensaio optei por utilizar o título mais conhecido, que é o da adaptação cinematográfica: *Zorba, o Grego – Zorba the Greek* (1964), direção de Mihális Kakoyánnis e atuação de Anthony Quinn. Quando me referir ao romance usarei *Zorba*, em itálico; quando a referência for ao personagem utilizarei a forma Zorbás.

<sup>3</sup> Conforme nos lembra o poeta, tradutor e crítico literário José Paulo Paes, embora os traços de “parecença” entre autor e narrador sejam óbvios, não se deve identificar este “com o Kazantzákis de carne e osso porque, com ser personagem do próprio romance, tem o mesmo estatuto ficcional dos demais personagens” (PAES, José Paulo. “Um místico sem Igreja”. In: KAZANTZÁKIS, Nikos. *Ascese: Os Salvadores de Deus*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Ática, 1997, p. 22).

## Admiração: a atitude de Zorbás diante do cotidiano

De acordo com a melhor tradição do Ocidente<sup>4</sup>, é com a admiração que se inicia o ato de filosofar e também do poetizar. Sobre isso, assim comenta o filósofo Josef Pieper:

Perceber *no* que é cotidiano e familiar o verdadeiramente estranho e não-cotidiano, o *mirandum*: este é o começo do filosofar. E nisso, tal como Aristóteles e Tomás de Aquino afirmam, o ato filosófico é aparentado ao ato poético. Ambos, o filósofo e o poeta, teriam a ver com o admirável, com aquilo que gera e promove admiração (PIEPER, 2007, p. 42).

Note-se que essa admiração, o maravilhar-se ou assombrar-se (*thauma*, em grego; *mirandum*, o que suscita admiração, em latim), relaciona-se com o cotidiano e familiar, lembrando-nos da presença da transcendência aqui mesmo, neste mundo. Em *Zorba* vemos o padrão/narrador admirando a admiração de Zorbás diante das coisas comuns:

Com frequência, ele fica embasbacado: coisas às quais estamos acostumados e pelas quais passamos, indiferentes, alçam-se diante de Zorbás como terríveis enigmas. Vê uma mulher passar e para assustado: “Que mistério é esse?” – pergunta. “O que é a mulher, e por que afrouxa assim os parafusos do cérebro da gente? O que é isso, afinal? Pode me dizer?” Da mesma forma arregala os olhos e questiona, ao olhar com surpresa um homem, uma árvore florida, um copo de água fresca. Zorbás vê todas as coisas, todos os dias, como se fosse pela primeira vez. [...]

Eu não falava. Ouvindo Zorbás, eu sentia renovar-se a virgindade do mundo. Todas as coisas retomavam o brilho que tinham nos primeiros dias, quando saíram das mãos de Deus. A água, a mulher, a estrela, o pão, retornavam à sua primeira fonte misteriosa, e a roda divina retomava impulso no ar (KAZANTZÁKIS, 2011, pp. 73-74).

Nesta passagem temos um exemplo da admiração que é o coração do autêntico ato filosófico e poético, aquela que possibilita “ver essa realidade transcendente no inaparente do cotidiano” (LAUAND, 2011, p. 18). Uma fala de Adélia Prado, em sua conferência sobre “O poder humanizador da poesia”<sup>5</sup>, realça ainda mais essa virtude de ver com total admiração e assombro o simples cotidiano, uma perspectiva em plena sintonia com a passagem citada acima:

O nosso heroico, o nosso heroísmo é deste cotidiano... nossa vida é linda: o cotidiano é o grande tesouro, como diz um filósofo [Josef Pieper]: admirar-se do que é natural é que é o bacana; admirar-se desta água aqui, quem é que se admira da água, a que estamos tão habituados? Mas a alma criadora sensível, um belo dia se admira desse ser extraordinário, essa água que está tremeluzindo aqui na minha

<sup>4</sup> Cf. por exemplo Platão, *Teeteto*, 155d; Aristóteles, *Metafísica*, A, 2, 982b; Santo Tomás, *In Met.* I, 3; etc.

<sup>5</sup> Conferência proferida no programa “Sempre um Papo”, TV Câmara, 06/08/2008. Disponível em: <http://www.sempreumpapo.com.br/audiovideo/index.php>.

frente e, na verdade, eu não entendo a água, eu não entendo o abacaxi, eu não entendo o feijão. Alguém aqui entende o feijão? Admirar-se de um bezerro de duas cabeças, qualquer débil mental se admira, mas admirar-se do que é natural, só quem está cheio do Espírito Santo (apud LAUAND, 2011, p. 19).

A partir da perspectiva de Adélia Prado, portanto, podemos inferir que Zorbás é uma dessas almas repletas do Espírito Santo: ele obedece a emoção e o pulsar do mundo, vive numa espécie de dimensão mítica que lhe permite ver uma realidade que não condiz com o mundo ordinário. Não é que essa admiração o leve do cotidiano para um outro mundo, o que ela faz é proporcionar justamente um novo olhar sobre a realidade mesma que aí está, isto é: a admiração ou assombro conduz a um novo olhar sobre a realidade cotidiana.

Trata-se de um ato autenticamente criador. Esta perspectiva, aliás, é uma constante na literatura de Kazantzákis. Em sua obra autobiográfica, *Relatório ao Greco*<sup>6</sup>, ele faz o seguinte comentário: “‘Não podemos mudar a realidade’, diz um querido místico bizantino, ‘mudemos, então, o olho que vê a realidade’. Era isso o que fazia quando criança; é isso o que ainda faço nos momentos mais criativos de minha vida” (KAZANTZÁKIS, 2014, p. 53). Na sequência desta passagem, Kazantzákis compara o ato criador de Deus com o olhar de uma criança:

Na verdade, nada se parece mais com o olho de Deus do que o olho de uma criança que, pela primeira vez, vê e cria o mundo. Inicialmente, o mundo era um caos, toda a criação, animais, árvores, homens, pedras, fluíam, sem distinção pelos olhos da criança, não diante deles, dentro deles, tudo, formas, cores, vozes, perfumes, raios, e não podia estabilizá-los, ordená-los. O mundo da criança não é feito de lama para resistir, é feito de nuvem, um ventinho fresco sopra das frentes da criança e o mundo mais espesso se rarefaz e desaparece. Da mesma forma, antes da Criação, o caos passava diante dos olhos de Deus (2014, p. 53).

Na inocência espiritual da criança – semelhante a inocência apontada no *Assim falava Zaratustra* de Nietzsche<sup>7</sup> – se observa o que é essencial e o mundo é contemplado como que pelos olhos de Deus. Esse olhar é *thauma/mirandum* – princípio do filosofar e do poetizar – que carrega em si o impulso criador e ao qual Zorbás parece ter acesso.

Assim, ao longo do romance Zorbás vai iniciando seu patrão a esse novo olhar, que por sua vez vai descobrindo o prazer de ver o mundo como se o visse pela primeira vez. E à medida que Zorbás vai desvelando ao patrão esses “mistérios” da vida, acaba por iniciar também a nós, os leitores.

---

<sup>6</sup> É o último livro escrito por Kazantzákis, publicado postumamente, em 1961.

<sup>7</sup> Em “Das três metamorfoses” Zaratustra proclama: “Inocência é a criança, e esquecimento, um começar-de-novo, um jogo, uma roda rodando por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim” (s/d, p. 32).

## Nos limites da linguagem: a expressão vital da dança em *Zorba*

Zorbás expressa o essencial por meio da dança. Ou seja, em seus momentos sublimes, Zorbás prescinde da linguagem oral e recorre à dança ou se põe a tocar santir<sup>8</sup>, sendo que tais práticas simbolizam no relato a manifestação da mais pura liberdade do protagonista. Por isso, diante do pedido do jovem patrão para que Zorbás toque o santir, lemos a seguinte resposta:

– Se eu tiver disposição, está ouvindo? Se eu tiver disposição. Trabalho para você quanto quiser, serei seu escravo! Mas o santir é outra coisa. É uma fera, exige liberdade. Se eu tiver disposição, tocarei e até cantarei. E dançarei o *zeibékiko*, o *hassápiko* e o *pendozáli*, mas é preciso que eu tenha disposição: esse é um acordo irrevogável! (KAZANTZÁKIS, 2011, p. 28).

O aspecto da liberdade e da expressão pela arte de Zorbás é reforçado num outro diálogo com o patrão:

Zorbás parou de repente, pensou e um pouco depois disse:  
– De alguma coisa eu entendo...  
– De quê? Diga lá, Zorbás!  
– E eu lá sei? Acho que de alguma coisa eu entendo... Se quisesse pôr em palavras, estragaria tudo. Algum dia, tendo disposição, vou dançar isso para você (p. 125).

Cabe destacar que Kazantzákis foi fortemente influenciado pela filosofia de Nietzsche e, a partir dessa influência, percebe-se que o escritor grego faz funcionar filosoficamente a dança. Nesse sentido, falar então de dança em Kazantzákis, assim como em Nietzsche, é falar de um pensamento que despreza o sistema e as estruturas estáveis de valores. Assim, a dança em *Zorba* expressa uma noção filosófica muito cara a Kazantzákis e que aparece constantemente em suas obras, ou seja, é aquilo que ele chama de *transubstanciação da matéria em espírito*. Isso significa, grosso modo, o seguinte: o esforço por adquirir o espírito de leveza diante do peso da matéria, é aprender a levitar. E quem melhor manifesta tal leveza e capacidade de levitar senão o dançarino, o bailarino?! A dança também representa a mobilidade, a fluidez, a improvisação, o dinamismo em oposição ao que é estático, imóvel, estagnado. É uma metáfora para sinalizar outra forma de pensar e de fazer filosofia, uma outra maneira de colocar ordem, não de forma fixa e estável, mas de maneira alegre e leve, possibilitando sempre novas possibilidades.

Nietzsche, em *Assim falou Zaratustra* (Terceira Parte “Os sete selos”), indaga: “Todas as palavras não foram feitas para os que são pesados? Não mentem todas as palavras ao que é leve? [...] Não fales mais!” (s/d, p. 206). Ora, as palavras são sempre um freio para a paixão do poeta ou a intuição do pensador. Nunca a palavra poderá transmitir o resplendor de um pensamento, nem a força de um sentimento ou a paixão de uma emoção. Encontramos essa ideia em *Zorba*, o Grego quando, por exemplo, frente a uma situação de plena alegria, Zorbás num salto se põe a dançar. O patrão, impressionado com o êxtase selvagem do velho minerador, pergunta:

---

<sup>8</sup> Instrumento musical de cordas de origem turca, mas muito usado na música tradicional grega.

- Que deu em você, que começou a dançar?
- Que queria que eu fizesse, patrão? Eu estava sufocando de tanta alegria, precisava espairer. E como um homem pode espairer? Com as palavras? Pff! (KAZANTZÁKIS, 2011, p. 97).

Ou,

[...] Há um diabo dentro de mim que grita, e eu faço o que ele me diz. Cada vez que vou sufocar, ele grita para mim: “Dance!” – e eu danço. E me desafogo (pp. 98-99).

Nietzsche, pela boca de Zaratustra (Segunda Parte “A canção do sepulcro”), diz: “Só na dança é que eu sei dizer os símbolos das coisas mais sublimes” (s/d, p. 105), já que muitos aspectos da experiência humana não são dados a conhecer pela palavra. O Zorbás de Kazantzákis partilha dessa impressão ao narrar o seguinte episódio:

Uma vez, quando morreu meu filho, meu pequeno Dimítris, na Calcídia, eu também me levantei assim e dancei. Os parentes e amigos, ao me verem dançando diante do cadáver, precipitaram-se para me pegar. “Zorbás enlouqueceu” – gritavam – “Zorbás enlouqueceu!” Mas eu, naquele momento, se não dançasse, enlouqueceria de dor, porque ele era meu primeiro filho, tinha três anos, e eu não conseguia suportar a perda (KAZANTZÁKIS, 2011, p. 99).

Logo na sequência desse relato, Zorbás acentua a possibilidade de se falar algo através da dança ao contar da vez em que, estando numa taverna na Rússia, ele se comunicou com um russo sem se utilizar das palavras, apenas com movimentos e expressividade:

Dava um pulo, [...] e começava a dançar... Ah, meu caro, a que ficaram reduzidos os homens, que se danem todos! Deixaram que seus corpos emudecessem e falam somente com a boca. E o que a boca tem a dizer? O que a boca consegue dizer? Se você tivesse visto como o russo me devorava com os olhos, da cabeça aos pés, e como entendia tudo! Dançando, eu contei para ele todos os meus sofrimentos, viagens, quantas vezes casei, que profissões abracei [...].  
Você ri? Não acredita, patrão? Deve estar pensando: “Credo, que asneiras são essas que esse Simbad, o Marujo, está dizendo? É possível conversar por danças?” Pois eu aposto a minha cabeça: é assim que devem conversar os deuses e os diabos (KAZANTZÁKIS, 2011, pp. 100-101).

O tom dionisíaco será constante no romance e seu ponto alto será já próximo ao final, quando o patrão, enfim, se entrega à visão de mundo de Zorbás. O episódio se dá logo após o acidente que ocorre no dia da festa de inauguração da mina de linhito, em que desabam todos os postes e cabos do teleférico que seria usado para o transporte do mineral extraído. Todo o tempo e dinheiro investidos foram por água abaixo; os convidados que ali estavam correram tumultuosamente e sumiram. Só sobraram os dois amigos que, sem se amargarem diante da derrota, começam a rir de maneira retumbante. Sentados lado a lado eles bebem o vinho e comem o cordeiro

assado, e um desejo de abundância os envolve, suas linguagens se tornam musicais, seus espíritos estão irracionalmente alegres como nunca antes. E então o patrão expressa a seu companheiro de peripécias seu grande desejo:

– Venha Zorbás – exclamei –, ensina-me a dançar!  
Zorbás deu um pulo, seu rosto brilhou.  
– Dançar, patrão? – fez ele. – Dançar? Vamos lá!  
– Em frente, Zorbás, a minha vida mudou, avante!  
[...]. – Salve, que fera! – gritou Zorbás, batendo palmas a fim de manter o ritmo para mim. – Salve, meu jovem! Ao diabo os papéis e os tinteiros! Ao diabo os negócios e os interesses. Ah, meu caro, agora que você também dança e está aprendendo a minha língua, vamos ter tantas coisas para dizer! (KAZANTZÁKIS, 2011, pp. 350-351).

O patrão aprende, assim, que a vida de Zorbás, seu vitalismo e dionisismo, é um testemunho da existência de seres com uma imaginação transbordante e que se expressam não por meio da linguagem ordinária, mas mediante o ritmo que brota espontaneamente de seu corpo. Nesse sentido, a dança de Zorbás se ergue como símbolo de uma semântica fluida, energética, não apreensível por meio do recurso das palavras. Sua dança é mais que tudo um estímulo vital para que se mergulhe no ritmo incessante e misterioso do universo.

### **Enfim**

O romance *Zorba*, por tudo o que foi visto, sua estrutura dialógica, sua pedagogia zorbésca, sua mistagogia vital, constitui uma parábola da sabedoria dionisíaca, e cuja melhor conclusão para este ensaio encontra-se nas seguintes palavras do narrador/personagem do romance:

Minha vida está perdida, eu pensava. Se pudesse pegar uma esponja e apagar tudo que estudei, tudo que vi e ouvi, entrar na escola de Zorbás e começar o grande, o verdadeiro abecê! Como seria diferente o rumo que eu tomaria! Exercitaria, com perfeição, meus cinco sentidos e minha pele inteira para sentir prazer e compreender. Eu aprenderia a correr, a lutar, a nadar, a andar a cavalo, a praticar remo, a dirigir automóvel, a atirar com fuzil. Encheria de carne a minha alma, encheria de alma a minha carne; conciliaria dentro de mim, finalmente, esses dois inimigos eternos... (KAZANTZÁKIS, 2011, p. 101).

### **Referências bibliográficas:**

KAZANTZÁKIS, Nikos. *Vida e proezas de Aléxis Zorbás*. Trad. Marisa Ribeiro Donatiello e Silvia Ricardino. São Paulo: Grua, 2011.

\_\_\_\_\_. *Relatório ao Greco*. Trad. Lucilia Soares Brandão. Rio de Janeiro: Cassará, 2014.

LAUAND, Jean. *Pieper – Universidade (2 estudos)*. São Paulo: Factash Editora, 2011.

NIETZSCHE. *Assim falava Zaratustra*. Trad. Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, s/d.

PIEPER, Josef. *Que é filosofar?* Trad. Francisco de Ambrosis e Pinheiro Machado. São Paulo: Loyola, 2007.

Recebido para publicação em 14-09-15; aceito em 02-10-15